

A PRESENÇA DA FRANÇA NA REVISTA *KLAXON*

Cláudia Mentz Martins
Universidade Federal do Rio Grande

I

A França com sua produção artística é influência constante na literatura brasileira. Mesmo sem a preocupação de rastreamos com minúcia a presença francesa, em nossa historiografia nacional, é possível verificá-la ao longo dos últimos séculos. No Romantismo não apenas as obras de Alexandre Dumas (pai), de Vitor Hugo e Alphonse de Lamartine são citadas pelos nossos escritores, mas também Ferdinand Denis surge como figura fundamental no início dos 1800. No Realismo, Gustave Flaubert é marco decisivo bem como Stendhal. Émile Zola, Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé, Paul Verlaine, Arthur Rimbaud são possuidores, respectivamente, de uma produção significativa do Naturalismo e do Simbolismo. A entrada do século XX não altera esse quadro, ao contrário, ao longo dos 1900, o diálogo entre os intelectuais brasileiros e franceses intensifica-se, basta lembrarmos de Marcel Proust, Paul Claudel, André Gide, Jean Cocteau, Paul Valéry, Paul Éluard, André Malraux. Visando, pois, dar uma amostra de como a França é uma referência para os escritores, poetas e críticos brasileiros, nas primeiras décadas do século XX, este artigo se deterá em apontar como a cultura (e a língua de expressão) francesa se faz presente ao longo da revista *Klaxon*, o primeiro e um dos mais significativos periódicos do nosso período modernista.

II

Nos primeiros anos dos 1900, o Brasil adentra no “ciclo da técnica, em busca, eufórica, de uma afirmação civilizada e civilizadora. Inicia [...] a conquista do século vinte e dos seus benefícios, aproveitando os meios e os recursos que lhe podem proporcionar o bem estar e a mecânica” (BRITO, 1997, p. 22). Esse progresso faz-se sentir sobretudo em São Paulo, o cenário onde alguns intelectuais liderados por Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, entre outros organizam a Semana de Arte Moderna, em 1922, e na qual participaram, por exemplo, Heitor Villa-Lobos e Di Cavalcanti. Esse evento que se figurou escandaloso, na época, definiu as peculiaridades das intenções que esses artistas demonstravam nas primeiras décadas do século XX, a saber: “denunciar a presença do passado na produção cultural de uma cidade materialmente moderna, apontar para a necessidade de um código novo no qual a modernização e o modernismo se encontrassem para forjar a modernidade” (FABRIS, 1994, p. 23).

Imediatamente após a Semana, surgem periódicos e revistas com o objetivo de apresentar as novas propostas artísticas às pessoas que se dispusessem a sua leitura. Dentre as várias revistas, merece destaque *Klaxon*, por ter sido a primeira a ser fundada pelo grupo de 22. Nela é possível verificarmos as influências – basicamente européias – que interferiam na arte dos artistas brasileiros, com destaque para a produção francesa.

Klaxon tem seu primeiro número publicado em 15 de maio de 1922, recebendo a apresentação de “mensário de arte moderna”. Durou até janeiro de 1923 quando teve um número

duplo publicado - o 8/9, sendo Graça Aranha o autor nele homenageado. O expediente de *Klaxon* foge dos padrões habituais por não ter a indicação de diretor, redator, secretário ou demais cargos. A razão dessa característica se explica pelo fato de ser considerado “órgão de uma coletividade intelectual, de um grupo empenhado no exercício de uma linha de arte e pensamento destoante da que se pratica no País” (BRITO, 1972, [s/p]). O grupo que assina a “redação” do primeiro número é composto por Antonio Carlos Couto de Barros, Tacito de Almeida, Guilherme de Almeida, Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes e Luis Aranha.

Nesse número inaugural, as primeiras páginas se destinam a explicar aos leitores o significado e a proposta do periódico. É dito, na “Redação”, que “KLAXON não se queixará jamais de ser incompreendido pelo Brasil. O Brasil é que deverá se esforçar para compreender KLAXON” (n.1, p.1)⁴¹. Também traz expressa a sua estética, da qual destacamos os seguintes trechos:

KLAXON sabe que a vida existe. E, aconselhado por Pascal, visa o presente. KLAXON não se preocupará de ser novo, mas de ser actual. Essa é a grande lei da novidade.

KLAXON sabe que a humanidade existe. Por isso é internacionalista. O que não impede que, pela integralidade da pátria, KLAXON morra e seus membros brasileiros morram.

.....

KLAXON sabe que o cinematographo existe. Perola White é preferível a Sarah Bernhardt. Sarah é tragedia, romantismo, sentimental e tecnico. Perola é raciocinio, instrução, esporte, rapidez, alegria, vida. Sarah Bernhardt = seculo 19. Perola White = seculo 20. A cinematographia é a criação artistica mais representativa da nossa epoca. É preciso observar-lhe a lição.

KLAXON não é exclusivista. Apesar disso jamais publicará ineditos maus de bons escriptores já mortos.

KLAXON não é futurista.

KLAXON é klaxista. (n.1, p.1-2)

Percebemos que o artigo que abre a revista tem a configuração de um manifesto que se dirige ao amplo público e que, desde as primeiras linhas, são postuladas atitudes voltadas à atualidade e ao moderno. O cinema⁴² recebe destaque entre as considerações feitas, pois surge como a mais nova arte e, assim, associada ao moderno e à tecnologia. Cecília de Lara (1972, p. 94) ressalta que o cinema “por ser a arte mais representativa do século XX” é a maior fonte de inspiração para a literatura. Para os intelectuais de 22, é na chamada ‘Sétima Arte’ que os valores do século que principia estão traduzidos e, por seu meio, também se dará o processo de atualização cultural.

⁴¹ Informamos que será mantida a grafia que se encontra na edição da revista *Klaxon* reproduzida facsimilarmente da edição original, conforme consta nas Referências. Esclarecemos também que para as citações realizadas da *Klaxon*, entre parênteses, constará o número da revista a qual nos referimos e a página respectiva.

⁴² Lembramos que o cinema tem como “pais” os franceses Auguste e Louis Lumière, que fizeram a primeira apresentação pública com divulgação e entradas pagas do Cinematógrafo, no Grand Café, em Paris, em 28 de dezembro de 1895.

III

Ao longo dos números da *Klaxon* é possível constatar a presença da França em três perspectivas: (a) através da publicação de escritos, sobretudo poemas e contos de escritores, poetas e artistas franceses (e de expressão francesa), bem como de ensaios que discutem a arte; (b) na divulgação de revistas em língua francesa que enviam exemplares para a redação; (c) na publicação de contos e/ou poemas de autores brasileiros, que são redigidos em francês, e também nos ensaios em que eles abordam o fazer artístico os quais apresentam como pontos de referência e discussão a cultura francesa.

Com relação ao primeiro item citado, os escritores que contribuem com o periódico são: L.Charles-Boudouin que com o seu poema “A toi qui que tu sois” faz a abertura da *Klaxon*, Henri Mugnier, Joseph Billiet, Marcel Millet. Para ilustrar o exposto, segue um trecho do primeiro poema – que denuncia a efemeridade da vida, a busca pela sinceridade da alma e a aceitação do outro – publicado na revista:

A toi qui que tu sois
(INEDITO)

Je suis celui qui passe et dont on se souvient.
Je dénouerai mes sandales devant ton seuil,
Qui que tu sois, et je ne te demanderai rien
Que ton accueil,
Et tu m'accueilleras.

Car peut-être déjà m'attendais-tu, pauvre âme,
Depuis des jours, depuis des nuits où ta lampe s'est consumée,
Car sans doute déjà tu m'attendais, chère âme,
Comme la Vierge mystique attend le Bien-Aimé.

.....
L.Charles-Boudouin (do “Miracle de Vivre”)(n. 1, p. 4)

Ao longo dos números, é perceptível ser o poema a forma preferida dos colaboradores de língua francesa. Através de alguns versos dos poetas mencionados, vemos que a natureza – as estrelas, as árvores, o vento, o sol, ... – e a relação do eu lírico com o ambiente é mote contínuo:

Solitude d'étoiles
(INÉDITO)

A Emile Verhaeren, 1916

Sous drap noir, les étoiles sont mortes, et toutes les lumières des hameaux,
Etoiles tristes de la terre, pleurent leurs soeurs d'en-haut.
Commes elles sont perdues et solitaires, et comme elles sont veuves, ce soir,
Et mortellement en éprouve, ce soir, nos terrestres étoiles – sous le deuil du
[ciel noir!]

.....
Charles Baudouin (n.4, p.8)

Paysage

*Une terre peu vêtue,
qui ondule lentement,
tourne un visage embrasé
vers le soleil pâle.*

*La campagne au bord du ciel
se rétracte sans un geste
et ne touche plus au ciel
qu'avec des doigts sans désir.*

.....
Joseph Billiet (n.6, p.6)

Enquanto que a métrica regular, aos moldes do século XIX, não é uma preocupação dos poetas, a sonoridade permanece recebendo a atenção e a rima continua como um dos elementos responsáveis pela musicalidade. Os versos de Mugnier, que discorrem as lembranças pueris do eu lírico, são possuidores tanto de rimas internas quanto externas, conforme assinalado abaixo:

L'arbre

*Je me souviens d'un arbre de mon enfance
Que j'ai planté, étant petit;
Il a poussé, poussé en confiance,
Et puis un jour il a fleuri.*

*Le mur de la maison de mon grand-père
Le préservait
Du vent mauvais
Et le gardait à la lumière.*

.....
Henri Mugnier (n. 3, p. 5)

Todavia também a forma narrativa, apesar de ser tímida na *Klaxon*, é utilizada pelos escritores estrangeiros. O conto intitulado “Conte”, dedicado à Jorris Minne, de Marcel Milliet (n. 7, p. 8) é ilustrativa da produção em prosa em língua francesa. Da mesma forma o texto ensaístico se faz presente, sendo o melhor exemplo “Les tendances actuelles de la peinture”, de Roger Avermaete, que discute o fazer artístico moderno, isto é, o autor defende a idéia de que a pintura não deve ser uma reprodução fiel da realidade, mas deve ser uma livre interpretação do artista no processo de recriação de tudo o que o cerca.

Tendo uma preocupação com a arte moderna, não exclusivamente brasileira, este periódico registra a atividade cultural existente na Europa. As razões para isso podem ser várias, sem que uma possa ser mais importante ou significativa que a outra: os intelectuais responsáveis pela revista tinham consciência de que a arte realizada no continente europeu influenciava aquela nacional, seja porque os artistas brasileiros mantinham sua formação vinculada sobretudo à França, à Inglaterra ou à Alemanha, seja porque entendiam que conhecer a arte além das nossas fronteiras permitiria realizar uma expressão com traços singulares e, possivelmente, nacionais. Assim, a circulação de revistas estrangeiras no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, é uma situação corriqueira. E dentre os mensários os mais freqüentes são aqueles publicados na França ou escritos em língua francesa. Alguns enviavam seus exemplares para a redação da *Klaxon* e tinham seu conteúdo

minuciosamente divulgado na secção “Livros & Revistas”. Com a introdução do verbo “Recebemos”, arrolavam-se os títulos encaminhados para a divulgação:

“Nouvelles Revue Française”. Mais um número desta interessantíssima, revista, onde colaboram escriptores de indiscutível valor, como André Gide, André Suarés, Blaise Cendrars, Rabindranath Tagore, Valery Larbaud, Marcel Proust, etc.

“Lumière” Numeros de abril e maio. Finos artigos e bellos poemas de Roger Avermaete, Charles Baudouin, Ivan Goll, Vildrac, Marcel Millet, Bob Claessens. Gravuras sobre madeira de Van Stratten, Joris Mine, Maaserel, etc. Um artigo de Serge Milliet commentando com espírito a Semana de Arte Moderna em São Paulo. (n. 3, p.13)

Nouvelle Revue Française – numero de Junho – Interessante artigo de Roger Allard sobre Marcel Proust moralista – Um capitulo inedito de Dostoiewsky – Versos de Paul Alibert – Romance de Jean Schlumberger – reflexões sobre a literatura do Midi por Albert Thibaudet – Um bello artigo de Benjamin Crémieux sobre Pierre Benoît, analysando pormenorisadamente o discutido autor da Atlandite – Chronicas, etc. (n.4, p.16)

Nouvelle Revue Française – no summario do numero de Julho: um artigo de J. Rivière sobre politica internacional. Um fragmento de Pierre Hamp. Poema de Mélot du Dy. Um conto de Louis Aragon. Inedito de Dostoiewsky. Reflexões sobre a litteratura por A. Thibaudet. Chronicas. (n.5, p.13)

“La Nouvelle Revue Française”, numero de agosto, com colaboração de William Blake, Paul Fierens, Charles du Bos, Gil Robin, Jacques de Lacretelle. Como sempre, magnificas reflexões sobre a litteratura, por Thibaudet. Chronicas, etc.

“La vie des lettres”, revista moderna franceza, publicada sob a direcção de Nicolas Baudouin. Optimos trabalhos do Director de Max-Jacob, Fernand Divoire e Mlle. Claire Goll. (n.6, p. 14)

Os comentários fornecem uma amostra da edição de cada periódico acima, e notamos que os autores são, em sua maioria, contemporâneos à época da publicação. Por meio da *Klaxon*, chegam notícias de ensaios literários e de arte em geral, que municiam seus leitores de informações sobre a modernidade e sobre os novos olhares e teorias.

Dentro dessa mesma secção “Livros & Revistas”, são resenhados livros recém editados. Grande parte dos textos está voltada para a literatura brasileira, mas há um texto assinado por Mario de Andrade sobre *Le miracle de vivre* – obra que possui o poema “A toi qui que tu sois” –, de Charles Baudouin, da editora “Lumière”, Bélgica, em 1922. Diz o resenhista:

O snr. Carlos Baudouin envia-nos de Antuerpia seus ultimos poemas: “Le Miracle de Vivre”. É mais uma obra admirável do poeta. Espirito contemplativo e sobremaneira delicado, o snr. Baudouin não se voltou ainda resolutamente para para [sic] a realidade contemporânea da vida. Os seus temas, embora tristonhos quasi sempre ásperos ás vezes, respiram sempre a suavidade um pouco sceptica, duma alma que vê da vida apenas aspectos gerais, filosóficos, e ainda vê esses mesmos aspectos pela reprodução deles nela e não directamente na realidade tangível. [...] (n. 5, p. 12)

A língua francesa se faz presente também no material redigido pelos nossos escritores, estando a influência desse idioma sobretudo na escritura dos poemas. Serge Milliet⁴³ tem publicado, entre

⁴³ Neste período Sergio Milliet, que morou na Suíça de 1912 a 1920, assina seus textos como Serge Milliet.

outros, os poemas “Misere”, “Visions”, “Reverie” e “La guerre”, destacando-se que sua temática varia entre a I Grande Guerra (período em que morava na Europa) àqueles voltados à juventude. Dele ainda se localiza, no número 3 da revista, o conto “Voyages”. Manuel Bandeira é outro autor que versifica no idioma de Mallarmé. “Bonheur lyrique” e “Poème” são os seus poemas acolhidos pela *Klaxon*, os quais tratam da felicidade diante de situações cotidianas de uma infância pobre e de um encantamento frente à figura de um gato. Desses escritores seguem os seguintes fragmentos:

Misere

*Saluons l'épicier du coin
car toutes les platitudes son légères
sont légères*

Des amis m'offrent l'apéro

IRONIE

.....
Serge Milliet (n.2, p.3)

Visions

*I
Ma jeunesse ne fut qu'un ténébreux orage
(Baudelaire)*

*Ma jeunesse ne fut qu'un long Voyage
Les paquebots e les express m'ont transporté
de paysage en paysage
et d'hivers en étés
à travers tout l'univers
Et c'est ainsi
que j'ai connu tous les pays
celui de Baudelaire
celui de Cervantes
celui très grand de Shakespeare
et celui plus grand encore de mon âme...*

.....
Serge Milliet (n.5, p.4)

La guerre

**AH! LA GUERRE
2 AOUT 1914
MOBILISATION GÉNÉRALE**

*en Suisse
je plongeais le calme du Léman
trop bleu au milieu des montagnes sombres*

.....

Serge Milliet (n.7, p.5)

Bonheur lyrique,

*Coeur de Phtisique,
o mon coeur lyrique
ton bonheur ne peut pas être comme celui des autres.
Il faut que tu te fabriques
un bonheur unique,
- un bonheur qui soit comme le piteux lustrucru en chiffons d'une enfant
[pauvre,
fait par elle même...
Manuel Bandeira (n.3, p.3)*

Poème

*Petit chat blanc et gris
Reste encore dans la chamber.*

*La nuit est si noir dehors!
Et le silence pèse.
Ce soir je crains la nuit.
Petit chat, frère du silence,
Reste encore...
Reste auprès de moi,
Petit chat Blanc et gris,
Petit chat...*

.....
Manuel Bandeira (n.5, p.8)

Nos versos acima, o fazer poético moderno é cuidadosamente observado por Milliet e Bandeira. Temos a presença da rima, principalmente externa, sem todavia seguir um esquema rígido, e a métrica é oscilante. A presença mallarmeliana fica destacada na disposição gráfica do verso voltada ao enfoque dado à temática – “Visions” em especial – e a utilização da caixa alta salienta termos, expressões ou o próprio tema, sendo exemplares, neste sentido, “Misere” e “La guerre”. O verso livre e o verso em branco, inovadores na época, também são amplamente utilizados.

Por fim, dentre os textos que discutem o trabalho artístico, isto é, têm uma preocupação em refletir sobre a nova arte, o ensaio “Balanço de fim de século”, de Rubens de Moraes, discute o verso livre. Sem dúvida, é um dos ensaios mais extensos da revista e possui uma argumentação pautada em diversos exemplos da literatura ocidental para explicar como conseguimos obter essa característica do poema moderno. Dentre os principais excertos destacam-se aqueles que citam e discutem a literatura francesa como fundamental exemplo e inspiração para o atual fazer poético:

Os classicos francezes, La Fontaine sobretudo, já sentiam a necessidade de fugir ao alexandrino, ao decasyllabo, ao octosyllabo e outros neurasthenicos de má companhia. São os românticos os maiores revolucionários da litteratura, que, fartos da monotoniado alexandrino, quebram-no em tres partes distinctas. Mas Vitor Hugo foi apenas um precursor, coitado. Foram os symbolistas que compreenderam que a humanidade também progride, que as idéas também se movem; foram elles que sentiram a necessidade de crear um instrumento novo para exprimir novas idéas. É os symbolistas, Rimbaud, que devemos todas as conquistas da litteratura contemporanea.

Não se explica em poucas palavras as tendências da literatura moderna. É preciso subir na estrada para automoveis da litteratura.

[...] Com a Intelligencia, o unico fator utilizado, os philosophos querem chegar ao conhecimento. O resultado foi quase nullo.

Deante dessa fallencia Bergson teve a Idea de procurar um outro instrumento: a intuição. Bergson separa a philosophia da sciencia. O mundo da sciencia pertence á Intelligencia. Para conhecer a vida na sua mobilidade perpetua elle utiliza a intuição e o instincto.

*O que nos interessa aqui não é o resultado, difficilmente apreciavel, da philosophiado auctor de “**Matière et Memoire**”, basta-nos a sua influencia na Arte moderna. Bergson é directamente e indirectamente um dos autores da nova esthetica.*

.....

A arte deve perceber o objecto na sua particularidade, no que nelle existe de “unico e ineffavel” (Bergson) Deste principio nasceu a condensação caracteristica das obras contemporaneas.

.....

Brunetièrre quando leu os primeiros versos de Mallarmé disse: “Je ne comprends pas; peut-être cela viendra un jour”. Estou convencido de que, se tivesse vivido mais alguns annos, procurando entender, teria sentido a belleza hermetica do grande poeta.

..... (n. 4, p. 12-13)

Nos trechos citados, Moraes apresenta a importância, ao longo dos séculos, dos intelectuais franceses – poetas, prosadores ou filósofos – para a formação da arte literária moderna. Neste sentido, julga fundamental a figura de Henri Bergson por colocar no primeiro plano a intuição e o instinto, e não a razão conforme era o hábito no final do século XIX, vista a preocupação dos realistas e parnasianos com uma literatura vinculada ao rigor formal e à clareza. Marcante ainda é sua menção aos poetas como Mallarmé, e aqui estendemos a observação a seus pares, e a dificuldade de entendimento que sua arte gera, sendo necessário um distanciamento do leitor e/ou crítico para que as inovações propostas pelo artista sejam apreendidas e compreendidas.

Em sintonia com tal argumento, Ribeiro Couto escreve e publica um pequeno texto dedicado a Tristão de Athayde, um dos principais opositores do Modernismo, pois acusava os modernistas de serem apenas imitadores dos franceses. Diz Couto, em “Ordem e Progresso”:

As pessoas cuja opinião não tem importancia são em geral pessoas que dizem: “Não concordo”.

Que fazer, si é inutil explicar certas coisas?

Ainda são mais pittorescas as que dizem: “Não concordo” e não contentes com isso escrevem nos jornaes, escrevem criticas de apparencia inteiramente respeitavel, com um desdem fraternal por tudo aquilo que não comprehendem. (n. 3, p. 7)

IV

A partir das considerações realizadas, discorreremos sobre a importante influência que a França – representada pelos seus intelectuais e pelo próprio idioma e cultura – exerceu ao longo da historiografia literária brasileira, e, em específico, durante os primeiros anos do Modernismo. O fato de a maioria dos intelectuais brasileiros dominarem o idioma francês, terem acesso às publicações que se realizavam nos países de expressão francesa e por alguns possuírem condições financeiras de realizar viagens à Europa – sendo a França um dos países de passagem obrigatória –, tendo contato *in loco* com as novas teorias e propostas artísticas que chegavam com relativa rapidez para a época,

torna a *Klaxon* uma revista singular naquele momento. Ela atua como porta-voz da geração de 22, apresentando as propostas artísticas do grupo que se forma e firma e que busca romper com a situação cultural brasileira da época. Conforme salienta Annateresa Fabris (1994, p. 21):

[...] *dominada pela presença do realismo em suas versões parnasianas, regionalista e acadêmica, o modernismo age como um grupo de pressão, desfechando um ataque sistemático não apenas contra as linguagens da moda, mas, sobretudo, contra as instituições artísticas e seus códigos cristalizados.*

Neste contexto, *Klaxon* é exemplar. Através dela, os poetas, romancistas e ensaístas brasileiros pretenderam de forma explícita não ficar restritos às questões nacionais, mas manter o olhar voltado para o fazer artístico internacional. Porém, em momento algum, deixaram de registrar, em suas páginas, as tentativas de realização de arte moderna, sobretudo literárias, de nossos autores, os quais em grande parcela eram seus colaboradores. Baseada no tripé criação, teoria e crítica, a revista abarca o pensamento artístico da época, tornando-se fundamental para o amadurecimento cultural de nossos intelectuais nos anos posteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Mário da Silva. O alegre combate de *Klaxon*. In: KLAXON: mensário de arte moderna. Rio de Janeiro: Livraria Martins, Conselho Estadual de Cultura (São Paulo), 1972.

_____. *História do Modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FABRIS, Annateresa. *Modernidade e Modernismo no Brasil*. São Paulo: Mercado das Letras, 1994.

KLAXON: mensário de arte moderna. Ed. reproduzida facsimilarmente da edição composta de nove números editados nos anos de 1922 e 1923. Rio de Janeiro: Livraria Martins, Conselho Estadual de Cultura (São Paulo), 1972.

LARA, Cecília de. *Klaxon & Terra roxa e outras terras: dois periódicos modernistas de São Paulo*. São Paulo: IEL, 1972.

